

Sobre uma comemoração

Discordamos de todas as comemorações que infiltem o ódio no coração dos homens e que contribuem para os povos se desavivar. Modernamente, até os próprios pedagogos discordam da propaganda de sentimentos destrutivos e repulsivos, desenhando-se até, entre eles, uma corrente que, em congressos internacionais, vem reclamando, com inteligência e sinceridade, a supressão do espírito de agressão no ensino da história.

A guerra, sobre ser o maior dos crimes, é, de todos eles, o mais inútil. Nunca, por meio dela, um agrupamento humano conseguiu nobilitar-se; antes acabou por ser vítima dos ódios que desencadeou. A história refere-nos o desaparecimento de grandes impérios formados pelo capricho cruel das batalhas. Onde pára o império de Alexandre da Macedónia? E o império romano, que chegou a abranger quase todo o mundo? Em que ficaram em tempos menos remotos, as famosas conquistas napoleónicas?

A força que cria, engendra sempre a força que a destrói — afirmou o Goethe — e a frase desse homem de genio está confirmada pela história, pela histórica nos ensina que nada é menos perdoável e mais transitório do que as vitórias obtidas pela violência, sempre grosseira e sempre iniqua.

Os agrupamentos colectivos immortalizaram-se pela ciência dos seus pensadores, pelo gênio dos seus artistas, e pela glória dos seus filósofos. A Grécia resistiu à poeira fúria dos séculos mais pela fama dos seus Socrates e dos seus Aristófanes do que pelas suas façanhas guerreiras. Arquimedes bastou para eternizar Cartago. Lúcio e Júlio contribuiram mais para a glória de Roma do que o genio guerreiro de Júlio Cesar. Dos pensadores, dos sabios e dos artistas, ficou a sua obra conservada por todas as gerações inalteravelmente, provocando, ainda hoje, após tantos séculos, uma admiração enternecida e ilimitada. E dos grandes impérios criados pela força, pela força das guerras e das rapinas, o que resta? Nada.

Dos prejuízos das guerras falam eloquientemente os milhões de mortos a elas imolados, as ruínas e as destruições que originaram. Da sua espantosa inutilidade fala bem alto e eloquientemente, a última conflagração mundial.

Desencadeada por rivalidades de grupos capitalistas, rivalidades que são a consequência lógica dum sistema económico antagónico e nocivo aos interesses humanos, os próprios vencedores, empurrados pelo fôrça implacável das circunstâncias, tiveram de auxiliar os vencidos, depois de terem reconhecido que seria impossível e até mesmo contrário aos seus interesses, esmagá-los. O abraço trocado, em Lecano, entre Briand, representando o capitalismo francês, e Stessmann, o capitalismo alemão, abraço que foi o inicio dum reconciliação, presta-se a longas meditações. Em toda a França e em toda a Alemanha, esses dois povos que não são acéfalos, devem ter perguntado à sua própria consciência para que se trucidaram na mais incruenta das guerras, se a paz era uma condição indispensável à vida dessas duas nações. Devem ainda ter perguntado porque razão chamaram os políticos franceses bárbaros aos alemães e os políticos alemães apelidaram os franceses de bárbaros em 1914 se, afinal, em 1926 em Locarno dois representantes desses países se abraçavam e se afirmavam muito honrados com a sua amizade!

Dessas meditações devem ter chegado ao convencimento de que a vida moderna é incompatível com as guerras e que a civilização evoluciona para formas contrárias aos interesses capitalistas e se marcha para a unidade humana. Contra essa tendência irresistível que une, acima das fronteiras comerciais das pâtrias, nos mesmos sentimentos, nos mesmos interesses e nas mesmas aspirações o povo único que através de todo o mundo trabalha sofre, nenhum poder conseguirá elevar-se. Não há crime capaz de impedir a realização do mais nobre, do mais fecundo e do mais alto ideal humano — a paz universal.

A semana da criança vai efectuar-se em todo o país na segunda quinzena de Maio

Na segunda quinzena de Maio próximo vai realizar-se em todo o país, pela terceira vez, a "Semana da Criança", interessante empreendimento educativo iniciado na dois anos atrás pela Associação dos Professores de Portugal e que será levado a efeito pela "Liga de Ação Educativa", organismo que a realizou no ano passado e ao qual, em sessão pública efectuada em Maio do ano findo na Sociedade de Geografia, foi incumbido o encargo da comemoração anual da "Semana".

A convite da "Liga de Ação Educativa" reuniram os elementos por ela convidados para constituirem as Comissões Central e Realizadora em Lisboa, as quais ficaram assim constituidas:

Comissão Central: Dr. Antônio Sergio, Eurico de Sena Cardoso, professores D. Judite Vieira, Manuel da Silva, Acacio de Gouveia (Pela União dos Professores Primários) e Alvaro de Carvalho (pela Associação dos Professores de Portugal); Eurico de Sena Cardoso e Dr. Campos Lima (pelo Sindicato dos Profissionais de Imprensa).

Comissão de Lisboa: Dr. Antônio Sergio, Eurico de Sena Cardoso, professores D. Judite Parente da Silva, Beatriz Magalhães, D. Cecília Gonçalves, Alvaro de Carvalho, António Maria da Conceição Junior, Ernesto Coelho e Alfredo Ramos Gil, inspetor Brito Moreira, Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, Sociedade a "Voz do Operário", Antonio Lomelino e Manuel Tristão Lopes da Silva, tendo sido convidadas a fazer parte desta Comissão a Câmara Municipal de Lisboa e a Junta Geral do distrito.

A Comissão Central fica instalada na Sede da Liga da Ação Educativa, Rua da Macaléa n.º 225, e a Realizadora na Sede do Conselho Central das Juntas de Freguesia, na Rua da Mouraria, edifício do Amparo.

A Comissão Central vai distribuir profusamente por todas as escolas, asilos, internatos e organismos educativos de todo o país, bem como pela imprensa, circulares expondo os fins que o empreendimento "Semana da Criança" pretende alcançar e contendo as necessárias instruções.

Ao que nos consta, pretende-se e trabalha-se activamente, para que as manifestações da "Semana da Criança" revistam este ano grande brilhantismo, chamando assim sobre as crianças as atenções dos pais, dos educadores e do público em geral.

Notas & Comentários

Propriedade nacional

A miss Portugal, na sua viagem para o Pôrto, sofreu vários incidentes, com os quais, a pesar da nossa discordância dos concursos de beleza e das exibições a que éramos dito lugar, não nos regosijamos.

Em Coimbra, exigiram a rapariga em altos gritos e, como a negasse, houve um estudante que teve esta frase lapidar, bastante aplaudida:

— A miss é propriedade nacional.

Esta bárbara frase afirma o direito dela pertencer à curiosidade lúbrica, ao comentário obsceno e ao contacto brutal de todas as sordidas bestas que expandem, sob as exteriorizações mais grosseiras, a sensibilidade aprendida nos alcoves. De certo que o estudante deve ser algum désses integrálistas que protestam contra a socialização das mulheres na Rússia, socialização que nunca passou duma patrâna, tanto mais que naquele país não se fazem concursos de beleza...

Ainda a "miss"

No Pôrto, essa rapariga, arvorada, de entre as duzentas que tomaram parte no concurso, em tipo máximo da beleza física, teve de esconder-se na carruagem em que viajara, para evitar certas constatações experimentais.

Todos os truks para a ocultarem resultaram inúteis e, a-pesar das saberes policiais terem saído das suas negras batânas, foi tão bem tratada que, além de lhe terem despedaçado o vestido e os sapatos, chegou, devido às brutalidades recebidas, a perder os sentidos.

Em face de tudo isto, só nos resta esperar que se multipliquem os concursos de beleza, que, como se vê, contribuem bastante para dignificar a mulher e moralizar os costumes.

"Novos ricos"

"Novos ricos" é o título do último romance do conhecido escritor José de Faria Machado. Trata-se dum charge a essa fauna pitoresca e endinheirada que se criou durante a guerra, graças a toda a espécie de traficâncias e ao suor, miseravelmente explorado, e ao sangue, inutilmente vertido, dos humildes.

O sr. José Faria Machado analisou, no seu romance, alguns desses tipos vampiros, que arrastam uma vida opulenta, entre o mal desparado desdem das pessoas de bom gosto e as contumelias dos suberventes.

A edição dos "Novos ricos" é da Livraria Civilização, do Porto.

Um conselho

A "Ideia Nacional" não gostou de lhe termos recordado, agora que ela «apoiava a república em nome do Interesse Nacional», a maneira como no dezembrismo se comportaram, larapindo lugares chorudos, espancando covardemente adversários e indo para Monsanto, desfralar o símbolo trapo da monarquia constitucional. E, juntando ao embargo da resposta, classificou os três factos apontados de três chocarrões sem categoria.

Chocarrões, não, mas pulhices talvez... e quanto a categoria, de acordo. Nem um dos factos que apontámos revela. Quanto ao facto de usarem como resposta o que nós consideramos o rebo da sua mesada

UMA GRANDE FIGURA

Errico Malatesta

O admirado doutrinário anarquista vive em Itália sob um regime de liberdade condicional

O nome de Malatesta é escutado com a mais funda e entusiástica simpatia, tanto pelo proletariado revolucionário como pelas falanges anarquistas. A própria burguesia encara a extraordinária personalidade do inquebrantável e fervoroso propagador do ideal anarquista. Malatesta constitui, pela sua vida de militante cheia de abnegação e heroísmo e pela sua ativa envergadura mental, um formidável e rarissimo exemplo de consciência anarquista e revolucionária.

Sob o regime fascista, Malatesta era um dos inimigos mais perniciosos. Embora impedido de desenvolver o seu humano apostolado, o notável doutrinário anarquista desfrutava de uma consideração especial, cuja maior regalia era a de não ser encarcerado. Felizmente para a alma de lutador que palpita em Malatesta, a ideia, que neste resultava apenas um profundo cansaço fisico,



Errico Malatesta

co, a altitude das autoridades fascistas era regularmente atendida.

A propósito do atentado contra Mussolini, cometido pelo jovem anarquista Gino Lucetti, a repressão fascista não poupa Malatesta, que também foi encarcerado. Foi depois libertado, mas a sua liberdade é de tal modo restrita que parece mais um encarceramento em vasto recinto.

As autoridades insinuaram Malatesta a "conveniência" de abandonar a Itália. O grande anarquista, porém, se quisesse sair de Itália, não poderia. Aos inconvenientes da sua avançada idade, junta-se a sua fama mundial. Nenhum país, provavelmente, consentiu-lhe tanto tempo; por isso, vê-se obrigado a permanecer em Itália, quase só, em meio das ruínas de um gigantesco edifício, como um símbolo onus bandeira.

A seu estudo obrigasse a uma rápida intervenção do médico ou da parteira e a casa tivesse condições a doente seria imediatamente assistida.

Depois a Maternidade tem também como função prestar a devida assistência aos recém-nascidos naquele estabelecimento, até completarem um ano de idade. Mãe e filho permaneceram ali até um ano depois do parto. Aqui terminava a função da Maternidade.

A assistência domiciliária é prestada da seguinte forma: a Maternidade organiza e mantém um corpo de fiscalização que percorrerá todos os bairros inquirindo do número de grávidas que precisam ser auxiliadas pela Maternidade. Quando faltasse um mês para o parto as grávidas seriam transportadas num carro-ambulância, formado por material cirúrgico, um médico e uma parteira, à Maternidade e ali aguardaria a felicidade.

Se o seu estado obrigasse a uma rápida intervenção do médico ou da parteira e a casa tivesse condições a doente seria imediatamente assistida.

Depois a Maternidade tem também como função prestar a devida assistência aos recém-nascidos naquele estabelecimento, até completarem um ano de idade. Mãe e filho permaneceram ali até um ano depois do parto. Aqui terminava a função da Maternidade.

A capacidade deste estabelecimento permite o internamento de 300 grávidas. As suas instalações são o que há de melhor no gênero. Arejadas, amplas, frescas e construídas sob as indicações dos melhores especialistas na clínica obstétrica, oferecem as instalações grande comodidade para as doentes.

Será desta vez que o grande sonho da conclusão das obras da Maternidade Dr. Alfredo Costa será um facto? O Nissos concordamos, visto já haver a verba necessária para tal.

O NOSSO REAPARECIMENTO

A "Batalha" continua a ser entusiasticamente saudada

Continuam chegando à nossa redacção, de todos os pontos do país, as mais entusiásticas saudações à Batalha pelo seu reaparecimento, como se verifica pelo que a seguir publicamos.

O Sindicato Único da Construção Civil da Caminha saúda o muito estimado jornal A Batalha, porta-voz da organização operária portuguesa, pelo seu reaparecimento, saudando igualmente todo o pessoal da redacção — Pela comissão administrativa — O secretário geral, João dos Reis Madeira.

LAMEGO, 4 — Eu vos saúdo e bem assim todos aqueles que trabalham em A Batalha, regosijado pelo reaparecimento do nosso orgão na imprensa.

Fago votos ardentes pela continuação heroica e desassombroada do nosso querido e político.

Efectivamente, o trabalhador chinês ainda não desperdiçou. O Kuó-Ming-Jang tem seguido uma política astuta, de apreciáveis resultados para o seu triunfo e para a solidificação do seu poder.

Em face das circunstâncias, os elementos anarquistas fazem a maior propaganda acerca da tendência libertária, que lhes tem sido sempre determinada em todos os congressos operários, e a única que será capaz de conduzir os trabalhadores à sua emancipação integral — Federação Anarquista Região do Centro.

Que culpa temos nós de que aquele jornal nos forneça uma prova tão rebulhante da razão que assistiu às nossas observações sobre a sua flagrante incorreção? Juramos-lo: não desejávamos que ele se comprometesse desse modo.

A todos os nossos agradecimentos.

ASSISTENCIA ÀS GRAVIDAS

Uão concluir-se as obras da Maternidade Dr. Alfredo Costa, inicia-das há treze anos

A Maternidade Dr. Alfredo Costa é aquele edifício que desde Agosto de 1914 se encontra em construção à entrada da Avenida 5 de Outubro. Destina-se, como o seu nome indica, a prestar às grávidas e aos recém-nascidos a assistência necessária.

A Maternidade figura na galeria das obras de Santa Engrácia, designação por que são conhecidas, em linguagem indígena, as obras que nunca mais têm fim. Assim parece. Iniciada há cerca de treze anos as obras da Maternidade, na maior parte do tempo têm estado paralisadas por falta de verba.

E justo salientar, sem intuições louváveis, que o dr. Augusto Monjardino, presidente da comissão administrativa dessa obra, tem empenhado os melhores esforços para que esse trabalho se conclua. E para isso bastava que lhe fossem entregues 1.500 contos, que faltam para as despesas a fazer.

Falando há tempo com aquele médico foins garantido por ele que um ano e meio depois de lhe entregarem essa verba a Maternidade Dr. Alfredo Costa estará concluída.

Pois bem. Um anônimo fez há dias a entrega ao dr. Monjardino de 1.500 contos em bilhetes de tesouro. Este gesto, além de merecer os mais rasgados encômios, rompeu a densa nuvem que há muitos anos cobria os tapumes daquela obra. Dentro de um ano e meio, o máximo dois anos, o estabelecimento estará concluído. Se o não fôr, agora, não poderá dizer-se que é por falta de verba.

Falando há tempo com aquele médico foins garantido por ele que um ano e meio depois de lhe entregarem essa verba a Maternidade Dr. Alfredo Costa estará concluída.

Presentemente é o hospital de São José que recolhe as grávidas. A assistência que ali se presta a essas enfermas é insignificante. A doente é arrancada para uma enfermaria, por sinal das piores que há em São José, e ali tem o seu filho. Poucos dias depois da delivrance a parturiente tem que sair, e o recém-nascido fica à mercê do destino.

Nem mais um leve auxílio.

A Maternidade Dr. Alfredo Costa é alguma grande obra de assistência pública? E' o que vamos ver.

Presentemente é o hospital de São José que recolhe as grávidas. A assistência que ali se presta a essas enfermas é insignificante. A doente é arrancada para uma enfermaria, por sinal das piores que há em São José, e ali tem o seu filho. Poucos dias depois da delivrance a parturiente tem que sair, e o recém-nascido fica à mercê do destino.

Nem mais um leve auxílio.

A Maternidade Dr. Alfredo Costa é alguma grande obra de assistência pública? E' o que vamos ver.

Presentemente é o hospital de São José que recolhe as grávidas. A assistência que ali se presta a essas enfermas é insignificante. A doente é arrancada para uma enfermaria, por sinal das piores que há em São José, e ali tem o seu filho. Poucos dias depois da delivrance a parturiente tem que sair, e o recém-nascido fica à mercê do destino.

Nem mais um leve auxílio.

A Maternidade Dr. Alfredo Costa é alguma grande obra de assistência pública? E' o que vamos ver.

Presentemente é o hospital de São José que recolhe as grávidas. A assistência que ali se presta a essas enfermas é insignificante. A doente é arrancada para uma enfermaria, por sinal das piores que há em São José, e ali tem o seu filho. Poucos dias depois da delivrance a parturiente tem que sair, e o recém-nascido fica à mercê do destino.

Nem mais um leve auxílio.

A Maternidade Dr

seus agentes na China que deviam estar prontos para sair do território chinês logo que recebam instruções nesse sentido.

Protestos diplomáticos

PEQUIM, 9.—Em consequência da busca e vistoria na embaixada soviética e do provável desenvolvimento que o caso pode ter, o sr. Wellington Koo deliberou continuar à frente do governo chinês do norte.

MOSCOW, 9.—O embaixador dos soviéticos em Pequim protestou contra as recentes buscas à sede da embaixada.

PEQUIM, 9.—O corpo diplomático protestou perante as autoridades de Pequim contra a invasão da embaixada russa, por exceder a licença dada.

XANGAI, 9.—O sr. Shryp protestou perante o corpo consular de Xangai contra as buscas e o cerco feito ao consulado russo.

A guerra imperialista

Em Xangai a situação é crítica

XANGAI, 9.—A situação continua a ser muito crítica. Os marinheiros japoneses e ingleses têm intervindo fazendo fogo por vezes. Têm sido publicados manifestos incitando os soldados estrangeiros a revoltar-se contra os seus superiores.

Os maus prenúncios

PEQUIM, 9.—Os japoneses evacuaram Xangai, os ingleses abandonaram todos os pontos além de Honkow fazendo outro tanto os americanos.

PEQUIM, 9.—Os ministros de França, Inglaterra, Estados Unidos, Japão e Itália redigiram uma nota idêntica sobre os incidentes de Nanquim.

BREST, 9.—Os cruzadores «Primansuet» e «Sloope» receberam ordem de partir para o extremo Oriente.

Diversos episódios

Perseguição a comunistas franceses

PARIS, 9.—Dois comunistas membros do parlamento vão ser processados pela sua ação a favor do bolchevismo na China e pela sua agitação anti-europeia. São eles o sr. Dorlot, acusado de conspirar contra a segurança do Estado, incitando os indígenas da Indo-China a levantar-se contra a França, e Couterier, director do jornal «L'Humanité», por incitar os soldados e marinheiros a revoltar-se.

Os cantonenses querem um empréstimo

XANGAI, 9.—Shiang-Kai-Sheck está em negociações com a Câmara de comércio chinesa para um empréstimo de 15 milhões de dólares. As condições impostas pela Câmara são as seguintes: desligar-se completamente do governo de Cantão dos comunistas; interromper a guerra para facilitar negociações com o governo do norte; substituir Chen e nomear o ministro dos estrangeiros capaz de entabolar diálogos justos com os gabinetes estrangeiros.

O que dizem alemães

BERLIM, 9.—O sr. Stressmann declarou no Reichstag, respondendo à interpelação de um comunista sobre a situação na China, que por ocasião do assalto à embaixada da Rússia, a Alemanha não foi informada da ação da polícia. O governo, terminou o ministro dos negócios estrangeiros, não pode ainda julgar, sob o ponto de vista jurídico, o sucedido, mas desde já o direito de concorrer para o esclarecimento do assunto. (Lusitânia).

ECOS DA REVOLUÇÃO

Foram postos em liberdade alguns presos do Porto

PORTE, 8.—Embara em lemosítico passo, a polícia de defesa social que se encontra nesta cidade sempre se vai resolvendo a fazer justiça áquelas vítimas que foram detidas apenas por mero cálculo de suspeitas.

Após uma boa soma de tormentosos dias de encarceramento injustificável, visto que a clausura sem culpabilidade perfeitamente definida é sempre uma torturante arreia,

escabaria por ser restituídos à liberdade os camaradas António de Carvalho, Manuel Ferreira Torres, José Martinho, António Manuel Ferreira da Silva e António Alves Pereira.

Os dois últimos cometem a delinqüência de terem os seus nomes no cabelho do jornal «A Comuna», periódico que esteve sempre à luz clara da legislação da imprensa, ante e post 28 de Maio de 1926, e posuíram no seu fôsoro raciocinante teorias harmónicas de refundição social no terreno progressivo das doutrinas, visto que há quem possa livremente arquitetar princípios de transformação social no sentido dum calamitoso regressão às fúnebres situações de predominio da Idade Média, se não à dos tempos pré-medievais.

Sé atendermos a que o camarada António José de Almeida, hóspede da Penitenciária sem ter de que se penitenciar, incorreu precisamente no mesmo crime dos dois apontados, aligava-se nos lógicamente e implicitamente indicada a sua imediata soltura, visto que sobre um mesmo caso jurídico não pode haver duas atitudes diferentes.

Isto, porém, figura a cargo da consciência e da justiça das respectivas autoridades da capital, ao serviço do ministério do Interior, tolerante e pacifista segundo declarações políticas.

Quanto aos primeiros, os seus crimes estavam e estão no facto de pensarem também livremente, sem confuso, serem alguns ar-razo montanhas. E como nesta igualdade de circunstâncias de livre pensamento inofensivo estão muitos outros presos, e entre eles o nosso amigo José Rodrigues Reboredo, também na Penitenciária, cremos ser de bom moral forense e de excelente compreensão das afirmações feitas pelos altos poderes do Estado militar, a irregateada e preta liberdade dos perseguidos por excesso de zelo policial.

«Prenunciar-se-há esta rajada de bom senso. Voderemo...».

Mais uma prisão em Coimbra

Ontem à noite recebemos o seguinte telegrama:

COIMBRA, 9, às 19,15 horas—irmão Roberto.

N. da R. — Trata-se da prisão do irmão do nosso camarada Roberto das Neves, estudante de Letras, que daquela cidade veio prestar há semanas para Lisboa e aqui foi posto em liberdade. Roberto das Neves foi detido por uma vingança do Comissário da Polícia, em virtude de algumas referências feitas na Batalha por aquele nosso amigo, embora o pretexto da captura fosse o aparecimento em Coimbra de uns manifestos contra o governo.

A prisão de agora, deve ser determinada pelo mesmo sentido.

TIVOLI

MATINÉE às 15 horas
SOIRÉE às 21 horas
Última exibição

Uma obra prima de cinematografia dinamarquesa

AMO E SENHOR

Comédia sentimental, em seis partes, com Johs Meyer—Astrid Holm—Matilde Nielsen

Realização de Carl Dreyer

O medroso valente

Comédia de aventuras, em 7 partes, com Douglas Fairbanks

NO JAPÃO

(Documentário)

UMA CINÉ FARCA

REVISTA MUNDIAL

Orquestra sob a direcção do maestro NICOLINO MILANO

AMANHÃ:

A FERA DO MAR

com John Barrymore

SANIDADE PÚBLICA

Uma importante circular

DA Direcção Geral de Saúde

IX—Profilaxia da raiva

São as Câmaras obrigadas ao registo de todos os cães e sua revalidação anual; compete aos sub-inspectores verificar se essa obrigação rigorosamente se cumpre e comunicar a Direcção Geral as faltas encontradas.

A postura camarária sobre polícia sanitária dos cães mencionará, além da obrigatoriedade do registo e da sua revalidação, as seguintes prescrições:

1.º É obrigatorio o uso de coleira com chapéu metálico, tendo gravada a designação do concelho e o número do registo.

2.º É proibido o trânsito de cães na via pública; quer soltos, quer conduzidos à mão, sem andarem devidamente e suficientemente acaimados.

3.º Os donos de cães são obrigados a participar a autoridade sanitária a existência de qualquer cão suspeito ou averiguado de raiva nos animais de que são possuidores.

4.º A penalidade a que ficam sujeitos os infractores, e que consistirá no sequestro do animal (o qual será abatido se o proprietário o não vier recolher, pagando as despesas do canil), e na multa de 300\$000 ao Estado, além da que a Câmara fixar na postura.

5.º A obrigação de entrega no canil municipal de todos os animais domésticos mordidos por animal raivoso ou suspeito de raiva, para observação.

O sub-inspector de saúde compete diligenciar que de pronto os indivíduos mordidos por animais raivosos, ou suspeitos de raiva, se dirijam a um dos três estabelecimentos anti-rábicos: Instituto de Câmera Pestana (em Lisboa), Instituto Anti-rábico de Coimbra, ou Instituto Pasteur do Porto, sendo preferível, por conveniência económica, aí se estiverem os bairros de regressão ás fúnebres situações de predominio da Idade Média, se não ás dos tempos pré-meditavos.

O sub-inspector de saúde deve arquivar o movimento de registo dos cães e dos indivíduos enviados a tratamento, colhendo os elementos respectivos na secretaria da Câmara, que lhos deve fornecer com regularidade.

X—Registo dos serviços médicos

Em cada Sub-inspeção de saúde será organizado o registo dos profissionais da arte de curar e os dados colhidos dos livros que as autoridades administrativas para tal possuem e que entregarão aos sub-inspectores (artigo 18.º do decreto n.º 13.160). Os profissionais já registrados no artigo 33.º do decreto n.º 12.477. O registo assim formado deve actualizar-se, inserindo-se os profissionais que nele não estiverem inscritos. Os profissionais a registar são: médicos, dentistas, farmacêuticos e parturientes.

Dos exames médicos que o sub-inspector efectue, fará registo em livro essencial, designando o nome do examinado, data e resultado do exame, e fim para que se fez (emigração, funções públicas, etc.). No atestado respetivo, além do antigo sello fiscal de \$15 terá de colar-se o sélo de 10\$ (artigo 25.º do decreto n.º 12.477).

* * *

Junto a cópia do ofício que foi enviada à Câmara desse concelho, em conformidade com as indicações da presente circular.

Saúde e Fraternidade.—O director geral, Ricardo Jorge.

OS QUE MORREM

José Maria Mangas

No hospital de São José, faleceu na quinta-feira o operário marceneiro José Maria Mangas, vitimado por estilhaços de granada que o atingiram numa perna durante a última revolução.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, no supracitado hospital para o cemitério do Lumiar.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto

Hoje, às 21 horas, baile.

COLISEU

HOJE
ULTIMO DIA
DA EPOCA DE CIRCO 1926-27

A's 15 horas

ULTIMA MATINÉE
em que se exibe excepcionalmente
a deslumbrante pantomima

MIL E UMA NOITES

O mais grandioso espectáculo
que se tem realizado em Portugal

A's 21,30 horas

DESPEDIDA

— DA —

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

Todos os trabalhos do célebre «dresseur»

TRUZZI

que, além das «Mil e Uma Noites», apresenta os melhores números dos seus soberbos

CAVALOS

actores, bailarinos e jazz-bandistas

Sensacionais atracções

Lisboa trágica

Um duplo susto

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco Duarte Belo, 45 anos, varedor da C. M. L. residente na rua da Bica Duarte Belo, que foi encontrado, caído, na rua do Machadinho, em resultado dum ataque. Quando se achava restabelecido deu por falta da sua carteira, não sabendo se foi roubada ou perdida, mas admitindo a primeira suspeita.

Desde o amanhecer até ao morrer do dia se trabalha nesta terra sem consideração pelos produtores.

Queda de uma prancha

No posto da Cruz Vermelha, do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, Artur Teixeira, 27 anos, natural e residente no Seixal, marítimo, o qual na doca de Alcântara caiu dum prancha, ficando contuso no joelho esquerdo e corpo.

Com o crânio fracturado

A Sala de Observações do hospital de São José, recolheu José Portela Velez, 30 anos, servente, natural de Lisboa, residente na Estrada das Amoreiras, que, sendo violentemente agredido na estrada do Arieiro, sofreu fractura do crânio.

IMPRENSA

A Situação

Comunicou-nos o nosso colega A Situação que, por ordem do sr. ministro do Interior, foi suspenso por dois dias por não ter respeitado as normas da comissão de censura.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo.

Costumes de Itália

Wladimir Korolenko

El Imperio de La Muerte

Dr. G. Feydoux

La vida tragic de los Trabajadores

Jean Masestan

La Educación Sexual

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade

E. Rectius

La Montaña

Octavio Mirbeau

El Calvario

P. Kropotkin

La Etica, la revolucion e el Estado

Luis Fabbri

</div

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO GARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-
ciso—A's horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilal—Horas.
Médica das urinárias—Dr. Miguel Magalhães—12
horas.
Pele e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—II e III
horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—
horas.
Doenças dos ossos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Gurgantes, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—
12 horas.
Estômagos e intestinos—Dr. Mendes Belo—5
horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Figueira Manso—12
horas.
Instrumentos de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5
horas.
Pele e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cirurgia de rádio—Dr. Cabral da Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Alen Saldaña—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Braga—4 horas.

POLICLÍNICA POPULAR

Rua Moraes Soares, 114

Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações—Dr. Abel da Cunha—às 13
horas.

Coração e Pulmões, Clínica Médica—Dr. Leão da
Silva—às 10 horas.

Doenças da boca e dentes—Dr. Gonçalves Vitorino—
das 9 às 11 horas.

Doenças das crianças—Dr. Luís de Matos—às 12
horas.

Doenças dos olhos—Dr. Sousa Aguiar—às 15 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Karel Pereira—às 17 1/2
horas.

Estomago, Intestinos e Fígado, Clínica Geral—
Dr. Edmundo Netes—às 13 horas.

Gurgantes, nariz e ouvidos—Dr. Gomes Coelho—
às 10 horas.

Pele e sifilis—Dr. Oliveira Feijóo—às 11 horas.

Rins e vias urinárias—Dr. Fontoura Madureira—
às 9 1/2 horas.

Raios X, análises clínicas e vacinas

Policlínica do Rato

Praça do Brasil, 45, I.

Telefone N. 1200

Dr. Antônio Monteiro—11 horas—Clínica geral,
senhoras, crianças e partos.

Dr. Julio Gonçalves—13 horas—Pele e dentes.

Dr. Lourenço Gaiamundo—13 e meia—Rins e vias
urinárias.

Dr. Antônio Fernandes—13 e meia—Medicina geral

e doentes nervosos.

Dr. João Saravia—15 e meia—Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto—15 e meia—Garganta, ouvi-
do e nariz.

Dr. João de Morais Sarmiento—10 horas—Gine-
cologia e operações.

Dr. Ruival Saavedra—17 horas—Pulmões, pele e
sifilis.

Dr. José Crespo—17 e meia—Clínica médica, estô-
mago, intestinos e fígado.

Dr. Aleu Saldanha Cruz—Raio X.

Análises clínicas, electroterapia, massagem
e ginástica médica

Chaparia à SOCIE

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lises e mes-
cas em cores lindissimas, formatos
dos mais famados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade
em chapéus
de seda

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito
elegante, só no A SOCIAL.

Cooperativa

Armação e escritório: Rue Fer-
nandes da Fonseca, 25, I.

ESTABELECIMENTOS —

Sede: 31, Rue Fernandes da Fon-
seca, 32.

1.ª Sucursal: Rue dos Poiais de
S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rue do Corpo San-
to, 29

3.ª Sucursal: Rue do Arco Mar-
quês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo
Jaures (Exclusivo)

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,
molas e pedras, a preços reduzidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Milhares de curas



SE DEVEM AO
HERPETOL

Unicremédio eficaz para as doenças do PELE

Esta criança foi curada por uma forte combinação. Depois de ter usado várias pomadas e outros impre-
díveis que nos pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o médico, o qual receitou um frasco de HER-
PETOL.

Ele, que tinha a aparição escamosa muito irri-
tada, forçou a criança a um permanente coçar, logo
ficou vermelha, com erupções e bolhas, que imme-
diatamente aliviava, e antes de terminado um fraco
toda as manifestações haviam desparecido.

E' recomendado em todos os casos de CO-
CORAO, pele e sifilis, dengue, etc.

A venda em todas as farmácias e R. da Prata, 257,

Lisboa, e na R. das Flores, 155, Porto.

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Pórtico, Coimbra, Braga, Algarve, ALEN-
TEJO, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda,
Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, PREFERIR, VENDER DI-
RECTAMENTE aos fregueses pelos preços de 100\$00

MAIS BARATO que o que os agentes levam

a mais. FAÇAM bem pedidos directos para ser-
vem bem servidos e rápido à GRANDE FABRI-
CA onde se fazem essas linhas CHINAS e que

garantem para sempre a menor preço.

Estofados, etc., almofadas, jardins, roupas, rai-
tas, etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

A BATALHA

CRÓNICA DO EXTRANGEIRO

A infiltração capitalista na Rússia soviética

Fala-se na imprensa estrangeira de um acordo económico entre a Rússia e a França. É certo que o governo francês e, também, o embaixador soviético em Paris desmentiram formalmente a notícia que tem circulado. Alguns jornais alemães, contudo, mantêm a informação e dão portadas.

Afirma-se que a comissão franco-russa, nomeada para discutir as divisas do antigo Império dos tsares, assinou já uma acta preliminar do anunciamdo acordo.

Esse acordo compromete a Rússia ao pagamento de uma indemnização de 70 milhões de francos-ouro. Em compensação, a França dará várias garantias financeiras, das quais a principal seria a concessão de créditos muito elevados.

As negociações ainda não chegaram a um resultado definitivo. No entanto, a França concordaria em facilitar um empréstimo de um bilião de francos-papel. A garantia pedida pelo governo francês é a concessão das fontes petrolíferas de Grozny, cuja exploração constituiria o monopólio de uma sociedade industrial francesa. Obtendo esta concessão, a França realizaria uma economia de dois a três milhões de francos-ouro.

O governo russo não opõe séria argumentação às propostas francesas, mostrando os delegados bem predispostos de chegar rapidamente a um acordo definitivo. E a provável realização deste acordo tem sido o assunto vivamente discutido em certos círculos diplomáticos.

O gabinete britânico parece não se conformar com o projectado acordo. A Inglaterra não diminui o seu rancor político e belicoso para a Rússia, e tudo quanto possa proporcionar vantagens económicas ou prestígio político à sua rival é combatido pela diplomacia inglesa com encarniçamento. E diz-se mesmo que as instâncias sugestões de Londres mantêm o governo de Paris numa indecisão bem contrária aos desejos dos capitalistas franceses.

Depende-se da política de Paris em face à Rússia que a França procura aproveitar-se do actual isolamento determinado pela hostilidade das potências capitalistas—para ali conquistar uma hegemonia industrial e económica que lhe melhore sensivelmente a situação financeira. O acordo que insistentemente se anuncia, a pesar das reservas—e não desmentidos, propriamente—da diplomacia, deve ter sido inspirado pelas necessidades financeiras da França e pelos interesses económicos da Rússia. Os factos subsequentes cirão até que ponto é verdadeira a notícia que circulou nos jornais estrangeiros.

As maravilhas do século

Está realizada a televisão

NOVA YORK, 9.—A televisão a longa distância é hoje um facto consumado.

No laboratório de experiências da companhia dos telefones e telegáficos de Nova York, o correspondente do *Daily Mail* ouviu e viu o sr. Helbert Houwer, ministro do Comércio, falando em Washington, a 200 milhas de distância.

Viram-se perfeitamente os seus lábios e olhos a mover-se, largar um papel e abandonar o telefone.

O rosto e os encaracolados cabelos da gentil e bela telefonista de Washington foram visíveis como o do ministro.

O presidente da companhia, Walter Gifford, falou com o general Carty, vice-presidente.

O segundo disse ao primeiro:—Vejo-o bem que lhe posso dizer, que V. está com óculos; e em seguida viu-se perfeitamente Gifford tirá-lo do rosto. —(L.)

As tentativas aéreas

Uma novela que fica sem entrecho

NOVA YORK, 9.—O inquérito ordenado pelo governo norte-americano às causas que destruíram o hidro-avião Santa Maria, tripulado pelo aviador italiano D. Pinedo, demonstrou que a destruição do aparelho não foi devida a um atentado anti-fascista.

Um rapaz de 17 anos, Thomason, declarou muito pesarosamente às autoridades:—Acendi um cigarro e atirei com o fósforo para a água, que levantou imediatamente grandes chamas, em virtude do combustível que se encontrava à sua superfície, as quais atingiram o aparelho e o destruíram. —(L.)

ROMA, 9.—O ministério da Aeronáutica publica um relatório telegráfico acerca da última etapa e do incêndio do hidro-avião Santa Maria que refere as dificuldades encontradas no meio da travessia da montanha e do lago Roosvel.

Quanto ao incêndio atribui-o à imprevisibilidade dum barqueiro americano de 17 anos de nome Thomason. —(L.)

De Pinedo morreu

NOVA YORK, 9.—O hidro-avião oferecido pelos Estados Unidos, em que De Pinedo fazia a viagem de Phoenix (Arizona) para San Diego, incendiou-se no meio do caminho, morrendo o aviador e os seus companheiros. —(L.)

De Pinedo não morreu

NOVA YORK, 9.—Quando De Pinedo fazia a viagem de Phoenix (Arizona) para San Diego, num hidro-avião oferecido pelo governo dos Estados Unidos, manifestou-se incêndio no aparelho, conseguindo o aviador e os seus companheiros extinguí-lo. As primeiras notícias chegadas a Nova York eram bastante pessimistas, dando mesmo a morte de Pinedo e dos restantes tripulantes do hidro-avião. —(L.)

NOVA YORK, 9.—Quando De Pinedo fazia a viagem de Phoenix (Arizona) para San Diego, num hidro-avião oferecido pelo governo dos Estados Unidos, manifestou-se incêndio no aparelho, conseguindo o aviador e os seus companheiros extinguí-lo. As primeiras notícias chegadas a Nova York eram bastante pessimistas, dando mesmo a morte de Pinedo e dos restantes tripulantes do hidro-avião. —(L.)

CARTA DE COIMBRA

Ainda o Andrésinho das calças brancas

COIMBRA, 8.—As correspondências desta cidade, publicadas em «A Batalha», têm despertado aqui o máximo interesse, tendo-se por esta razão, esgotado completamente os exemplares. Encontra-se, e com razão, a população desta cidade possuidora de grande indignação pelo facto do demente André da Silva, mais vulgarmente conhecido pelos epítetos de André dos Passarinhos, Andrésinho das Calças Brancas e André dos Guisos ou das Campainhas—mais recentemente—não ter sido ainda internado numa Casa de Sátira, verberando todos dum maneira bastante violenta o procedimento das autoridades locais, não se importando com este caso, deixando assim, à mercê do louco, que é André das Calças Brancas, uma população onde a quem amanhã não poderá ser responsável por qualquer desastre de que o demente André seja vítima.

Somos informados de mais outra violência do já ridículo André das calças brancas.

Eis o caso: Um operário digno e honesto fabricante de estatuetas, tendo-se ausentado desta cidade, por necessidades da sua vida íntima, foi procurado em sua casa, por ordem do demente a que nos temos referido, para ser levado ao comissariado a fim de prestar declarações.

Como não o encontrasse fol passada uma busca a casa, não tendo sido encontrado nada de suspeito. Retiraram depois de ameaçarem a mulher por esta não saber indicar o paradeiro do marido. Isto foi já há umas duas semanas.

Hoje, não satisfeitos com a primeira, fizem nova busca em casa daquele operário, sem que ele ou a mulher estivessem presentes. Apenas se encontrava lá uma pequenita cunha oito anos, a quem interrogaram.

Já há tempos este maluco fez uma proeza igual em casa dum outro operário preso, sem que disto as autoridades tivessem conhecimento.

Mais uma outra aventura, de que ele foi protagonista e em que ele desta vez, se vai ver em calças pardas.

Foi o seguinte:

Logo a seguir ao movimento revolucionário de Fevereiro último, o André julgando-se, ou querendo armar em Scherlok-Holmes, dirigiu-se ao Comissário sr. capiato Cruz e informou-o de que sabia onde se encontrava o tenente sr. Rocha Dantas—que tomou a chefia das tropas na Figueira da Foz e ao ver que de Coimbra marchavam tropas, com o fim de prender a coluna que comandava se conseguiu raspar e esconder-se.

O sr. Comissário, confiando plenamente nas palavras do Andrézinho, pôs-lhe à disposição 2 agentes para o auxiliarem nas diligências. Partiu o nosso André acompanhado pelos agentes para a vizinha vila de Soure, onde julgava encontrar-se o sr. tenente Rocha Dantas. Lá dirigiu-se o demente a uma mercearia e, comprando uma folha de papel e envelope, escreveu uma carta dirigida ao dr. sr. Madeira—médico naquela vila—pois mais ou menos nestes termos:

“Meu prezado amigo:
‘E’ portador desta o meu amigo F.—e aqui pôs um nome qualquer—que vai a essa vila de meu mandado para falar com o nosso comum amigo Rocha Dantas, para tratar com ele de assuntos políticos. Rogo-te, portanto, o favor de lhe indicares a morada.

“Teu amigo—Floro Henriques”
falsificando desta maneira a assinatura deste senhor.

Dirigiu-se, depois, à residência do dr. Madeira, a quem entregou a carta que havia instantes escrevera. Depois de haver lido a carta, disse-lhe este senhor que não sabia onde se encontrava o sr. Dantas, mas—caso fosse descansado—iria fazer os possíveis por sabê-lo e que viesse dali a dias procurá-lo para lhe dar conta do que sabia acerca do paradeiro daquele senhor.

Veio o André para Coimbra e o dr. Madeira escreveu nesse mesmo dia ao sr. Floro Henriques, dizendo que receberia a sua carta e que ia tratar de saber onde se encontrava o sr. Rocha Dantas. O sr. Floro Henriques ficou bastante admirado e intrigado com esta carta e escreveu imediatamente ao dr. Madeira, a dizer-lhe que não havia escrito carta alguma e que ele, dr., havia sido ludibriado por alguém que, falsificando a sua assinatura, quis saber da morada do sr. Dantas.

Pelo Delegado do Ministério Público, foi instaurado um processo ao mentecapto André, por ser falsificador de assinaturas.

Por estes dias, deve, segundo informações fidedignas, ser o André das Calças Brancas pronunciado.

Sendo assim, é este maluco—tarado da pior espécie—suspenso dum lugar que ocupa nesta cidade, não obstante ser incapaz do seu desempenho conveniente, em virtude das faculdades mentais o não permitir.

Oxalá que desta vez o André das Calças Brancas seja dado o destino que merece e que não possa mais daqui por diante abusar da paciencia da gente de Coimbra, vendendo-se de polícia e de oficial do exército, enxovalhando o bom nome destas duas corporações. —C.

La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência—controversia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das Sociedades Savantes de Paris. Tradução espanhola de Elizalde com um desenho na capa de Shum.—Preço 1500.—A venda na administración de A Batalha.

PARIS, 9.—A comissão de guerra da câmara dos deputados deu parecer favorável por dez votos contra dois ao projeto de lei de reorganização do exército. —(L.)

BERLIM, 9.—O sr. Loëbe, presidente do Reichstag, pediu a demissão em consequência do seu estado de saúde. —(L.)

BUCAREST, 9.—O último boletim médico diz ser satisfatório relativamente ao estado do rei Fernando, recuperando as forças lentamente

A febre comercial desenvolveu ainda outros males e tão horribéis como são as carnificinas guerreiras.—LETOURNEAU.



CONSELHO SUPERIOR DE ECONOMIA

O decano dos matutinos do norte, ao descrever, com a sua autoridade patriarcal e proverbial cautela, a sua dúvida aceitável sobre se o novo Conselho Superior da Economia Nacional virá a degenerar num retrógrado Club de Sócios da Escola Negativista, tornando-se, portanto, odiosa as nascentes iniciais C. S. E. N.—faz a perentória afirmação de que, «por falta de inquéritos industriais, desconhece-se a situação da grande e pequena indústria em Portugal, ignoram-se os efeitos da integração das classes superiores, porventura ainda existam de bons, e, não porque não hajam elementos eloquentemente fornecidos pelos próprios trabalhadores.

Sabímos, propostamente, a última asserção, porque se não podemos contestar, por ainda ser cedo, que o C. S. E. N. venha a criar num Club de Sócios da Escola Negativista como o C. R. P. (Congresso da República Portuguesa) se espalhou ignoratoriamente num Club de Regalões Públicos; se não estamos autorizados a refutar que, por falta de inteligentes inquéritos, se não conhecemos as condições sociais do operariado...»

Sabímos muito atidos aos preceitos religiosos de Roma papalina, entre os detentores de riquezas lusitanas, há uma raça ambiciosa e invejosa furtivamente, de indivíduos de soberbos privilegiados que demonstra, pelos seus actos, não desconhecer o irônico bundecheinismo.

Assim, sabendo que os órgãos dos sentidos, correspondentes ao poder da alma, estão colocados no corpo à maneira de janelas, e que os seus nervos estão dispostos como caminhos ou estradas—essa raça ambiciosa e invejosa tem, furtivamente, assomado à janelas e rasgado, entre os seus dedos nervosos, os depoimentos elucidativos, os libelos acusatórios de toda a miserável existência das populações do Trabalho Honesto e subjugado—lançando, ao lixo dos caminhos, à lama das estradas, todos os dados positivos feitos em fragmentaria destruição!...

Com esses órgãos-janelas e esses nervos estradas servem, aquelas para receber as impressões exteriores e os últimos para as transmitir ao seu senhor, isto é, à alma—a carta de opressores tem, com o arrancamento das janelas e com a obstrução das estradas, impedido as impressões e as transmissões à consciência humana de tudo quanto há de mau nas classes pobres.

Destas maneira, ao contrário do prescrito nas modernas doutrinas da religião nova de Mazdayasna social, a consciência, em lugar de ser para a alma moral das sociedades «o que a lampada de noite, e o sol, de dia, são para o homem», protegendo-a contra o mal iluminando-a para a livrar de danos—é antes para ela o que a perigosa escuridão, em terra, e o denso nevoeiro, no mar, são para o navio e para o viandante arrasta—o para o precipício dos barrancos da Miséria inconcebível, leva-o para cima dos escolhos das mais cruciantes dores humanas...

O juízo, assim deturpado, em vez de dar a faculdade de distinguir o justo do injusto, de adquirir bens terrenais e de os empregar na salvação da alma... justa, equitativa, fraterna, feliz dos povos organizados em humano convívio—fornecê-lo antagónismo, a maldade, a usurpação violenta de felicidade geral e tranquilizadora, precipitando-se a alma na perdição infernalmente dantesca do exterminio dos homens e das coisas... A alma do respeito mútuo pelo semelhante, deixa de ser a «faculdade de pensar e de escolher entre o bem e o mal»—tornando-se irreflexiva, perversa, loucamente furiosa...

Sim, o decano dos matutinos do norte pode ter razão quanto à parte relativa dos inquéritos industriais abandonados pelos meios oficiais do Estado e particulares dos patrões. Quanto às entidades humildes do proletariado, isso um pouco mais de vagas... se nos der licença... As condições sociais dos trabalhadores são um tanto conhecidas, mas faz conta não tomar delas a vida consideração...

Diógenes de Sinope

Sobre organização

A organização operária

Depois que no Congresso corporativo de Limoges, em 1895, a classe operária francesa criou uma organização autónoma, independente de todos os partidos democráticos, manifestou constantemente tendência para se libertar de todas as tutelas; quer do Estado, quer das municipalidades.

E' que a classe operária não está disposta a adaptar-se à sociedade capitalista, de se encarrar no sistema actual de produção, para se desenvolver a favor dos seus interesses. Tem vistas mais largas—desejosa uma transformação social—e são essas as aspirações revolucionárias que a levaram a constituir-se em partido de classe, opondo-se a todos os outros partidos, a todas as outras classes. Deste modo, a classe operária, além da sua forma de organização, pela qual pretende lutar dia a dia contra as forças de exploração e opressão, pretende também organizar e robustecer agricultores aptos para levar a cabo a expropriação capitalista, e capazes de proceder a uma reorganização social sobre um plano comunista (v.).

O organismo confederal é essencialmente federalista. Baseia-se no Sindicato—que é um agrupamento de trabalhadores; depois há a Federação de Sindicatos e a União de Sindicatos, que são aglomerados de sindicatos; finalmente, a Confederação Geral do Trabalho, que é um aglomerado de Federações e Unões de Sindicatos.

Esta coordenação das forças operárias resulta naturalmente, lógicamente, como todas as manifestações da vida e não arbitrariamente, segundo um programa anteriormente elaborado. Organizou-se constituindo os simples para o composto; constituíram-se primeiramente os sindicatos; depois, quando a necessidade de agrupamentos mais complexos se fez sentir, apareceram as Federações e Unões de Sindicatos; finalmente, na hora propícia, criou-se a Confederação.

Emile POUGET.

(v) Interpretado no sentido libertário.

Com os cadastrados

vão seguir para África alguns operários honestos

A forma arbitrária como se têm feito prisões de individuos, cujos nomes figuram no Pôsto Antropométrico do Governo Civil, deve motivar a que fôssem envolvidos alguns operários honestos com criaturas de porte moral duvidoso.

Já ontém tivemos ocasião de examinar essa medida, fazendo o confronto entre os individuos sclerados por condição ingénua e aqueles que, por vingança da polícia, têm sido um largo cadastro.

Para mostrarmos a razão das nossas considerações de ontem vamos contar um caso.

Entre os individuos detidos e com ordem de seguir para Timor encontra-se o operário polidor de moveis Alberto Silva. É o único amparo de sua mãe, de sua compatriota e dura filhinha. Sempre trabalhou como o podem testemunhar os industriais de polidor.

Este operário foi preso uma única vez e julgado e absolvido no tribunal por falta de provas. Pois agora a polícia foi prender Alberto Silva por cadastrado e dispôs-o para Timor.

Não será isto uma violência? Não repreende esta medida uma monstruosidade?

Há outros operários em iguais circunstâncias. João da Cruz Oliveira, pedreiro, Joaquim Pais Júnior, metalúrgico, encontram-se dum punhado de trabalhadores, subjugados a tanta tiranía sem limites.

T